

Dívida, um problema que não é só dos banqueiros.

Uma época crítica está começando para os Estados Unidos e para outros países industrializados, em relação a um problema ameaçador: as dívidas devidas aos seus bancos por governos do Terceiro Mundo. É um tipo de problema financeiro que muitos de nós re-

sistimos a compreender. Mas as consequências potenciais, humanas e políticas são sérias demais para serem deixadas apenas a cargo dos banqueiros.

Vamos supor, por exemplo, que alguma poderosa instituição estrangeira dissesse hoje ao presidente Ronald Reagan que ele precisa reduzir os rendimentos reais das famílias norte-americanas, aumentar os impostos, cortar os gastos do governo com o Medicare e com outros programas, além de impor drásticas restrições às coisas que as empresas norte-americanas podem importar, mesmo se tratando de partes importantes. Seria politicamente fácil para Reagan, ou até mesmo possível, cumprir tal prescrição?

O exemplo pode parecer exagerado, mas este é exatamente o remédio que está sendo receitado atualmente aos governos do Terceiro Mundo. E as consequências são muito mais severas do que no exemplo norte-americano imaginário, porque esses países são muito mais pobres — tendo muito menos margens humanas para sacrifícios.

Mas se um país precisa refrear a sua produção e seus investimentos, como é que ele será capaz de desenvolver a riqueza necessária para pagar suas dívidas a longo prazo? Esta é a grande questão que assalta atualmente o mundo econômico. E tudo é ainda mais doloroso porque a experiência nos países avançados com problemas no balanço de pagamentos, como a Inglaterra, mostrou que os prejuízos à produção são muito maiores do que os superávits de exportações conseguidos.

Forçar os países em desenvolvimento a aceitar medidas draconianas para que possam continuar pagando os juros também acabará prejudicando os credores ricos. Os devedores apenas poderão pagar limitando severamente as suas importações dos países do mundo industrializado. As exportações norte-americanas aos países latino-americanos diminuíram 40% entre 81 e 83. O Departamento de Comércio calcula que isto custou 400 mil empregos nos EUA.

Além disto, poderá haver um terrível preço político a ser pago por forçar países pobres e fracos a aceitarem vestir uma camisa-de-força financeira. Aceitar o fato de que os devedores não podem pagar é uma questão de realismo, não de bondade. Henry Kissinger disse o seguinte: "Estes pagamentos simplesmente não podem ser feitos. Nenhum dos principais países devedores será capaz de, simultaneamente, pagar sua dívida, conseguir um crescimento econômico e manter o seu equilíbrio social e político". Se medidas não forem brevemente adotadas, haverá um crescente incentivo para que os devedores repudiem as suas dívidas — e isso poderá causar efeito devastador sobre muitos bancos e todo o sistema financeiro ocidental.

Realisticamente, os bancos terão de estornar muitos dos seus empréstimos, mas no decorrer de um período bastante longo e com ajuda oficial suficiente para aliviar o fardo. O sacrifício terá de ser dividido, entre os países pobres e os países ricos, entre os seus habitantes e as suas instituições.

Anthony Lewis, do N.Y. Times.